

## Pesquisa tenta tirar macaco do cardápio

LIANA JOHN

Uma das iguarias mais apreciadas pelos caçadores nordestinos é a carne do parauaçu, um gênero de macaco dócil e vegetariano, comum nas florestas de terra firme da Amazônia. As várias espécies de parauaçu ainda são consideradas abundantes e, por enquanto, estão fora das listas de animais ameaçados de extinção. Mas não parecem ter um futuro muito promissor, a prevalecer sua cotação no cardápio dos caçadores. Essa é uma das razões pela qual os hábitos dos parauaçus estão sendo estudados desde 1985, ao norte de Manaus. "Queremos saber qual o território mínimo onde um grupo desses macacos pode sobreviver e se reproduzir", explica a pesquisadora Eleonore Setz, da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.

Ela vem observando um grupo fixo de parauaçus em diferentes épocas do ano, de modo a conhecer seus hábitos alimentares, suas necessidades básicas e os fatores limitantes à sua sobrevivência em fragmentos de mata isolados por agropecuária ou desmatamentos. Os "seus" macacos vivem numa matinha de 9 hectares de uma fazenda particular, cercados de pastagens por todos os lados e, apa-

rentemente, sem problemas de escassez de comida ou falta de espaço.

Quanto aos hábitos alimentares, a variedade parece livrá-los da escassez. Já foram identificadas cerca de 150 espécies de planta que compõem sua dieta, à base de frutas típicas como anonas e ingás, folhas e sementes. Comem também cascas de árvore e terra de cupinzeiros, mas nada de insetos ou vertebrados. Segundo a pesquisadora, eles parecem acumular gordura durante a estação chuvosa, quando estão mais ativos, andam mais e comem mais. A gordura garante a energia necessária para atravessar a estação seca.

Todos estes conhecimentos — a par de medidas para restrição da caça — são importantes para promover a convivência pacífica entre homens e parauaçus, impedindo que eles cheguem a ser ameaçados de extinção. Se eles podem sobreviver bem em pequenos trechos de mata — dependendo apenas de algumas providências para lhes assegurar uma rotina normal —, será relativamente fácil protegê-los. E garantir a preservação no próprio habitat sempre é melhor do que confiar no cativo onde os riscos são maiores.